

The screaming walls: (re)knowing other ways to resist and raise awareness about violence against women

Laura Cristina de Toledo Quadros

In the month in which *International Women's Day* is celebrated around the world, it is worth bringing some reflections about the many forms of expression that constitute the fight to violence against women. With the opportunity to leave Brazil and participate in Capes Print at the Laboratoire d'études de genre et de sexualité (LEGS), Paris 8 brought me new dimensions regarding what unites us as researchers in the field of psychology and social sciences. Different countries, different continents, different cultures, different universities. However, at this revolutionary moment, I came across messages, protests and narratives that could be in any corner of Brazil, since they speak of a common reality: inequality, impunity and violence against women. I arrived in a Paris on strike, fighting for the maintenance of rights, uniting workers of all orders in which, due even to moments where there was difficulty in transportation, I walked through many parts of the city. And here I have an important consideration: I am a researcher, female gender, affected by experiences that surrounds me, exclusively for being a woman. Therefore, my eyes recognized the screams that emanated from the walls on corners, bridges, corners. Screams that brought out a harsh reality, from protest phrases and even blunt narratives.

Violence against women is not just about them It leaves indelible traces. It is an affront

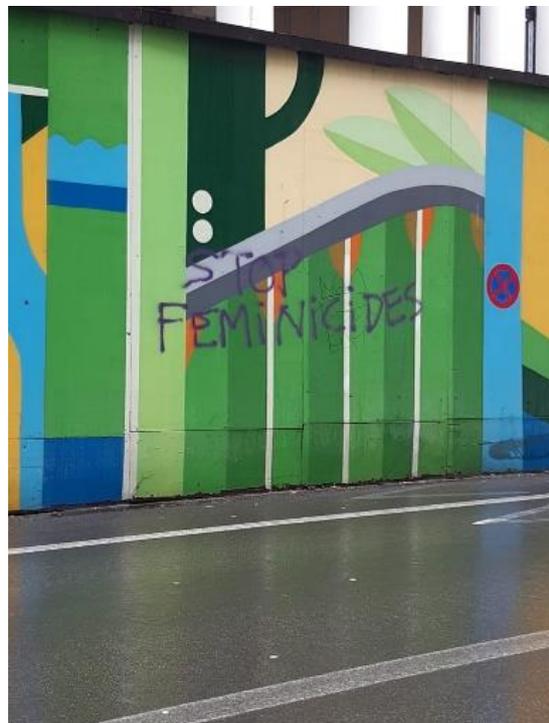


to freedom, to the right to life, to the condition of choice. By making the walls scream, the anonymous ones move us to a harsh reality that has been present for so long, however, silenced and maintained by a patriarchal system.

And it wasn't just in Paris that I heard the screams from the walls. On my way to Portugal,



for a seminar in Rua da Senhora da Saúde, - perhaps not by chance - the wall also called for the end of feminicides. This historic wave of murders can only now be effectively recognized and treated as such, although it still encounters barriers in some instances and people. Soon passing through Belgium, I also heard this cry.



Therefore, this same dramatic experience, although separated by an immense ocean,



calls us to the same action: to resist.

Allowing walls to scream is not only a form of expression, but above all, it is an ontological policy of making a necessary reality to be discovered, revealed to the world. And so, my becoming woman, researcher, psychologist, daughter, mother of another woman, aunt of other women, teacher of many other women, collects these various cries and gathers them briefly in this illustrated writing, trying not to miss any tone, also highlighting the reality of immigrant women, a theme that brought me here.



I continue to walk the streets, a *flâneur* researcher, with eyes and ears attentive, sensitive to screams and aware of my commitment to share what I have been (re)knowing in this experience of exchanging and building a living, active, non-linear and full of power knowledge. In this sense, tolerance is not a good policy, since it keeps us apart. It is necessary to recognize, locate, appoint to integrate. And to continue listening to what non-humans - in this case, the walls - have to tell us.



Paredes que gritam: (re)conhecendo outras formas de resistir e conscientizar acerca da violência contra as mulheres

Laura Cristina de Toledo Quadros

No mês em que comemora-se mundo afora o *Dia Internacional da Mulher*, vale trazer aqui algumas reflexões acerca das muitas formas de expressão que constituem a luta contra a violência à mulher. Com a oportunidade de sair do Brasil e participar do Capes Print no Laboratoire d'études de genre et de sexualité (LEGS), Paris 8 me trouxe novas dimensões a respeito do que nos une enquanto pesquisadoras na área da psicologia e das ciências sociais. Países diferentes, continentes diferentes, culturas diferentes, universidades diferentes. Porém, neste momento revolucionário, deparei-me pelas ruas daqui com mensagens, protestos e narrativas que podiam estar em qualquer canto do Brasil, visto que falam de uma realidade comum: desigualdade, impunidade e violência contra as mulheres. Cheguei numa Paris em greve, em luta pela manutenção de direitos, unindo trabalhadores de todas as ordens em que, em função inclusive de momentos onde havia dificuldade de transporte, caminhei por muitas partes da cidade. E aqui cabe uma ressalva importante: sou uma pesquisadora, gênero feminino, afetada por experiências que me contornam, exclusivamente, por ser uma mulher. Portanto, meus olhos reconheceram os gritos que emanavam das paredes nas esquinas, nas pontes, nos cantos. Gritos que traziam à tona uma dura realidade, a partir de frases de protesto e até de narrativas contundentes.

A violência contra a mulher não incide unicamente sobre ela. Deixa rastros indelévels.



É uma afronta à liberdade, ao direito à vida, à condição de escolha. Ao fazer as paredes gritarem, as anônimas (e quem sabe os anônimos) nos deslocam para uma dura realidade que por tanto tempo esteve presente, contudo, silenciada e até autorizada por um sistema patriarcal.

E não foi apenas em Paris que ouvi os gritos das paredes. Em minha ida a Portugal,



para um seminário na Rua da Senhora da Saúde, – talvez não por acaso – a parede também nos clamava o fim dos feminicídios. Esta onda histórica de assassinatos que só agora pode ser efetivamente reconhecida e tratada como tal, embora ainda encontre barreiras em algumas instâncias e pessoas. Em breve passagem pela Bélgica, também ouvi esse grito.



Portanto, essa mesma vivência dramática, embora separada por um imenso oceano, nos



convoca a uma mesma ação: resistir.

Permitir que as paredes grem não é apenas uma forma de expressão, mas, sobretudo, é uma política ontológica de fazer existir uma realidade necessária de ser descoberta, revelada para o mundo.

E, assim, meu devir mulher, pesquisadora, psicóloga, filha, mãe de outra mulher, tia de outras mulheres, professora de muitas outras mulheres, recolhe esses vários gritos e os reúne brevemente nesta escrita ilustrada, tentando não deixar escapar nenhuma tonalidade, destacando também a realidade de mulheres imigrantes, temática que me trouxe até aqui.



Continuo caminhando pelas ruas, uma pesquisadora *flâneur*, com olhos e ouvidos atentos, sensíveis aos gritos e ciente do meu compromisso de compartilhar o que venho (re)conhecendo nessa experiência de trocas e construção de um conhecimento vivo, ativo, não linear e pleno de potências. Nesse sentido, a tolerância não é uma boa política, visto que nos mantém apartados. Faz-se necessário reconhecer, localizar, nomear para integrar. E seguir ainda ouvindo o que os não humanos – nesse caso, as paredes – têm a nos dizer.

